

POESIA COMO INSTRUMENTO DE CRÍTICA SOCIAL

Charlyene Santos de Souza (UFRN)
charly.ss@hotmail.com

Introdução

Sabendo da importância da literatura para a formação dos sujeitos, teóricos como Antonio Candido (1995) e Antoine Compagnon (2009) ocupam-se em discutir papel exercido por ela em uma sociedade onde “a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza” consegue-se sustentar meios capazes de alavancar o progresso ao mesmo tempo em que “pode provocar a degradação da maioria” (CANDIDO, 1995, p.169). Nesse sentido, compreender a função humanizadora da literatura e sua abertura para o social é reconhecer que a ficção, mesmo em meio hostil, ainda resgata seu valor e sua pertinência enquanto objeto essencial à formação do homem e à compreensão da vida e da sociedade.

De modo mais específico, acerca da lírica, através de um olhar articulado à vida social e histórica, notamos que ela não se torna apenas depositária dos estados de ânimo dos sujeitos – conforme tradicionalmente é vista –, mas (também) um instrumento de crítica social. Embora durante muito tempo tenha se resguardado daquela engrenagem coletiva; na modernidade, passa a contemplar matérias de ordem social, incorporando coisas corriqueiras do homem e da vida em seus versos. Essa abertura para o mundo torna-a capaz de fundar valores e de fazê-los ressignificar perante a vida e o homem.

A partir dessa compreensão, interessa-nos circunscrever nossa investigação à análise do poema “A roda...”, o qual foi publicado nos anos 20 do século XX no *Livro de Poemas*, do norte-rio-grandense Jorge Fernandes, por meio uma perspectiva que conjuga literatura e sociedade, consoante o método dialético de Antonio Candido (1976). Por esse viés, nem o texto literário é tomado de forma independente e fechado, nem a obra é vista apenas enquanto material sociológico. Logo, a adoção de uma postura integrativa faz ver as relações que se estabelecem entre a obra e o mundo, já que, como diz Adorno (2003), “a referência ao social revela algo do fundamento de sua qualidade [da obra]” (p. 66), além de auxiliar não só a compreensão do poema, mas também da sociedade fora dele.

Nessa perspectiva, observamos pelo texto poético “A roda...”, de Jorge Fernandes, o poder da lírica ao questionar valores pregados pela civilização da “racionalidade” e ao possibilitar uma reflexão sobre a transitoriedade intrínseca ao homem, de modo a reconhecermos que “há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar” (CALVINO,1990, p.11).

1 O poder da literatura

O conceito de literatura, concebido a partir do pensamento de Antonio Candido, compreende-se como

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1995, p.174).

Vista dessa maneira, a literatura se faz elemento intrínseco ao sujeito, já que desponta diante de nós através tanto de formas simples quanto complexas, mostrando-se uma “manifestação universal de todos os homens”. Se a literatura, portanto, está entre esses extremos, observamos que todos entram, de alguma forma, em contato com a ficção, com a poesia, de modo que “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” (CANDIDO, 1995, p.174).

Esse contato com a literatura, em qualquer um de seus níveis, garante a integridade espiritual do sujeito, graças ao seu caráter humanizador, o qual “confirma o homem na sua humanidade”, conforme assegura Candido (1995). Acreditar nisso é reconhecer sua considerável colaboração para a formação da personalidade dos sujeitos, porque faz viver. Ela põe o homem em contato com realidades díspares, as quais, muitas vezes, a vida não lhe possibilita, como exemplifica Mário Vargas Llosa:

Quando lemos romances, não somos o que somos habitualmente, mas também os seres criados para os quais o romancista nos transporta. Esse traslado é uma metamorfose: o reduto asfixiante que é nossa vida real abre-se e saímos para ser outros, para viver vicariamente experiências que a ficção transforma como nossas. (LLOSA, 204, p.17)

Assim sendo, a literatura tem o poder de nos fazer refletir, aquietar nossas angústias, estimular e suprir, ao mesmo tempo, nossos desejos, preenchendo as carências da vida. E talvez por isso elas estejam ligadas. Nessa direção, ler “Dom Quixote de La Mancha”, de Miguel de Cervantes, é compartilhar a inquietação do cavaleiro que procura superar as experiências que a realidade lhe oferece e viver com ele todas as suas aventuras.

Contudo, essa fabulação não faz apenas viver, ela também nos organiza. À medida que o texto literário é construído, organizamos nosso caos e nos construímos enquanto indivíduos. De acordo com Candido (1995), esse poder de nos envolver e nos delinear se dá porque a literatura atua em nós conforme três aspectos particulares: por ser construção de uma estrutura dotada de significado; por ser uma forma de manifestação de emoções e visões de mundo; e por ser uma forma de conhecimento.

Cada um desses pontos contribui para humanizar o homem, porque ao organizar as palavras, organizamos nosso caos e organizamos o mundo, conseqüente atribuindo novos sentidos a ele. Além disso, abrimo-nos, tal como a obra se abre, para a sociedade e para o semelhante, revendo nossas condutas e nossa postura frente ao mundo, “porque pelo fato de dar formas aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.” (CANDIDO, 1995, p.186).

Vejamos um trecho do poema “Mão Nordestina”, de Jorge Fernandes:

[...]
Cheia de ouro –limpa...

*Sem vintém – a nenhum
Mão – abre – picadas...
Mão de derrubas...
Sobre a outra – jura...
Sobre o inimigo – tibes!*

Ao observarmos esses versos, notamos a organização linguística que tira as palavras de seu uso corrente e as organiza de modo a dar forma também a sentimentos e a uma visão de mundo marcada pelo valor do homem sertanejo. O uso da imagem da mão, que demonstra a força e é tida como sinal de trabalho, sugere o homem nordestino, metonimicamente representado, em circunstâncias que exprimem sua honra, seja quanto à honestidade ou quanto à força de sua palavra.

Parece, diante da força humanizadora da literatura, ser inegável sua importância, apesar de ela, algumas vezes, ser observada com certa desconfiança. Antoine Compagnon (2009), em *Literatura para quê?*, toma como ponto de partida, dentre outros, os questionamentos: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida?” (*idem*, p.20). Para ele, essas perguntas se fazem necessárias,

Pois o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoram; na imprensa, que atravessa também ela uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lazeres, onde a aceleração digital fomenta o tempo disponível para os livros. (COMPAGNON, 2009, p.21)

Todavia, se ainda hoje tais indagações são válidas é porque a literatura permanece presente em nossas vidas e na sociedade. Conforme o autor, sua atualidade e atuação se dão porque ela diz muito mais sobre o homem do que grandes tratados filosóficos ou científicos, já que figura como uma grande experiência de reflexão, escrita e conhecimento. Podemos tomar como exemplo a produção de Machado de Assis, o qual conseguiu refletir sobre a sociedade e sobre o homem de modo profundo, crítico e humano. Seus escritos nos mostram as contradições humanas em termos práticos, como em “Memórias póstumas de Brás Cubas” e a batalha pela vida e o egoísmo travado nessa luta, em “Pai contra mãe”.

Nessa perspectiva, Compagnon (2009) reconhece o poder da literatura, apresentado a partir das noções clássica, romântica, moderna e pós-moderna. De acordo com a primeira explicação, sua influência consiste na sua capacidade moralizante. Isso é possível graças à ideia clássica de *mimese*, compreendida como representação. A imitação de situações humanas, por meio da qual o homem aprende, torna práticas questões discutidas de forma teórica, fazendo com que, assim, se aprenda pelo exemplo, pela vivência de outrem criada ficcionalmente.

O segundo poder lembrado é o romântico. Sua definição, surgida no Século das Luzes, supera a ideia de instrução pelo deleite e acredita que a literatura atua como um “remédio”. Segundo essa noção, a literatura nos auxilia a escapar das forças alienantes, as quais nos aprisionam, de modo que o autor reconhece que “a literatura é de oposição”, comportando-se como “ao mesmo tempo sintoma e solução do mal-estar na civilização, dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana.” (COMPAGNON, 2009, p.34-36).

O terceiro conceito que trata do poder da literatura é o moderno. De acordo com ele, a literatura “corrige os defeitos da linguagem”. É a ficção que nos possibilita comunicar verdades de um modo que a língua corriqueira nem sempre permite. Nesse sentido, “o poeta e o romancista nos divulgam o que estava em nós, mas que ignorávamos porque faltavam-nos as palavras [...]” (*Ibidem*, p.37). Embora essa noção se ligue de modo mais direto à linguagem, ela nos permite dizer o que está na margem e fazê-lo de modo mais rico, “Ensinando-nos a não sermos enganados pela língua” (*Ibidem*, p.39), o que nos torna mais inteligentes. Além do mais, podemos notar tal ideia retoma à de Candido (1995) quando reconhece a importância da organização linguística que ocorre na literatura, a qual comunica de um modo particular, para a organização do nosso próprio ser.

O quarto poder discutido é o pós-moderno, observado como uma variante extrema do terceiro. Compagnon (2009) apresenta-o como o poder da literatura em si mesma, longe de qualquer fim. Para ele, tal importância está “[...] fora do poder, como desautorização de qualquer aplicação social ou moral, do menor valor de uso da literatura e como afirmação de sua neutralidade absoluta.” (COMPAGNON, 2009, p.41), bastando sua existência.

Desse modo, seja por meio da representação, da contestação, da linguagem ou de sua própria existência, a literatura atua como um exercício de reflexão imprescindível ao homem. Auxilia-o no desenvolvimento de sua personalidade, permite-lhe alcançar uma experiência sensível, possibilita-lhe atingir um saber por meio das singularidades, fala de mim e do outro e nos torna mais reflexivos, sensíveis e inteligentes, para não citar muitos adjetivos. A literatura mantém-se atuante (ainda) numa sociedade pós-industrial como a que vivemos porque

expressando a exceção, oferece um conhecimento diferente do conhecimento erudito, porém mais capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas. Ela pensa, mas não como a ciência ou a filosofia. Seu pensamento é heurístico (ela jamais cessa de procurar), não algorítmico: ela procede tateando, sem cálculo, pela intuição, com faro. (COMPAGNON, 2009, p.51)

Isso revela que, apesar de todo esclarecimento e de todo progresso, somente a ciência e o cálculo não dão conta da complexidade humana. Assim, a literatura acentua em nós nossa quota de humanidade. Tateando, com seu faro, as experiências do homem e da sociedade, esclarece questões da vida com seus meios próprios, os quais comunicam e nos tocam, de modo a nos sentirmos, de fato, plenamente humanos.

Diante do panorama construído, dois pontos mantiveram-se em articulação: literatura e homem/sociedade, mostrando-nos a estreita relação entre esses elementos. Por tal motivo, adotamos a postura da crítica integrativa como método de análise do texto literário, a qual concebe as relações que se estabelecem entre o texto literário e a vida social e histórica e faz observar de que forma as questões externas participam do fator estético ou como aspectos da vida social se disseminam no texto literário.

Antonio Candido (1976) argumenta que não podemos dissociar a dimensão estética e formal da dimensão social porque esta está ligada àquela desde sua formação. Ele observa o fato de a obra literária, como fenômeno de civilização, atuar na sociedade e, por isso, depender de fatores sociais para se constituir como tal. Mantendo esse ponto

de vista, tanto a vida exerce influências sobre a arte quanto a arte interfere na vida social.

Nesse sentido, Adorno (2003) apresenta a proximidade entre lírica e sociedade, sem o reducionismo de ambas as partes. Segundo ele, embora a lírica, no sentido tradicional, tenha se resguardado daquela engrenagem coletiva, hoje, passa a contemplar matérias de ordem social, incorporando coisas corriqueiras do homem e da vida, sendo capaz não apenas de fundar valores, mas de fazê-los ressignificar perante a vida e o homem. “A referência ao social revela algo do fundamento de sua qualidade” (ADORNO, 2003, p. 66), na medida em que observamos quais aspectos da experiência social interferem na obra e em que medida a obra os ultrapassa. Assim, a atividade interpretativa deve fundar-se na compreensão não só do interior do poema, mas também da sociedade fora dele.

2 O giro d’“A Roda...”

Dentro do contexto da literatura brasileira, poetas como Augusto dos Anjos, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, dentre tantos outros, destacam-se por comunicar fatos do homem e da sociedade em seus versos. No contexto da literatura produzida no Rio Grande do Norte, Jorge Fernandes (1887-1953) é figura emblemática para a compreensão, via representação ficcional, do homem e da realidade dos anos 1920.

O autor do *Livro de Poemas*¹, publicado em 1927 (apoio de Luís da Câmara Cascudo) com quarenta poemas e tendo formato de um caderno, rompe os padrões editoriais da época, além afirmar a estética modernista, em versos, na poética local. Sua obra aponta para uma nova realidade de versar, carregada de imagens que transitam entre o sertão e o litoral, a tradição e a modernidade, bem como inova ao desprezar a rima e a métrica fixa e introduzir onomatopeias nos poemas.

Jorge Fernandes conseguiu apreender suas vivências a partir dos dados locais sem se distanciar de uma realidade mais ampla nem se prender exclusivamente aos projetos do Modernismo e do Regionalismo, discussões em curso no início do século XX, já que estava não só conectado às transformações e às discussões por que vinha passando o estado, em particular, mas também a região nordeste e o país, de modo geral.

Do *Livro de Poemas* retiramos o poema “A roda...”:

A roda...

Lá vai a roda

Pelo fio do passeio

Equilibrada por um arame...

Ninguém lhe esbarre a carreira...

Aquela roda já teve raios dourados

E uma borracha em torno...

¹ Único livro publicado por Jorge Fernandes. Seus demais textos (poemas e peças teatrais) foram publicados em jornais e revistas, como em *A Imprensa* e *Terra Roxa e Outras terras*.

*Era de um velocípede de uma criança rica...
Passeou com as suas iguais
No soalho de um grande palacete...
Depois perdeu os raios dourados
Perdeu tudo...
Sozinha... ôca... vagabunda
Lá se vai rua afora
Dourada...
Macia...
Ambicionada
Aos olhos satisfeitos do menino pobre...*

Arquitetado de forma dessemelhante aos moldes clássicos, “A roda...” apresenta também uma temática inovadora (em comparação aos padrões estéticos do início do século XX). Ele não versa sobre os estados de ânimo de um sujeito, mas acerca da trajetória de uma roda, sem, contudo, deixar de falar do homem. O poema, cuja forma é moderna, é composto por duas estrofes assimétricas, uma com apenas quatro versos e outra com treze. Há versos oracionais, como *Ninguém lhe esbarre a carreira...*, e versos monofrásicos, como *Dourada...*, mostrando uma irregularidade e uma liberdade formal, que reflete também na liberdade temática e estética.

Esse poema é dividido em três momentos. O primeiro momento inicia-se com o primeiro verso *Lá vai a roda*, no tempo presente. No segundo momento, a roda é apresentada em seus dias áureos, no tempo passado, o qual é demarcado pelo primeiro verso da segunda estrofe *Aquela roda já teve raios dourados*, em comparação quando vive seu tempo de perda, porém, de maior espontaneidade. O terceiro momento se dá com *Lá se vai rua afora* (nono verso da segunda estrofe), retornando ao presente. Essas mudanças apontam para a mutabilidade das coisas a partir da vida útil dessa roda. Tal objeto confere uma noção de circularidade, em que ora um de seus pontos ocupa o topo ora decai.

No texto “A roda...” essa relação cíclica, esse mundo que gira desenfreadamente, se dá pela renovação do uso da roda de um velocípede. Em um primeiro tempo, ela figura como o brinquedo de uma criança rica e passeia por palacete. Em um segundo tempo, já tendo perdido seus raios dourados, sua borracha e tudo mais, sai pela rua satisfeita aos olhos do menino pobre, único momento em que é retratada com adjetivos como *Dourada...*, *Macia...* e *Ambicionada*. Enquanto para a criança abastada aquela roda já parecia não ter mais utilidade, para a criança pobre ela é usada de modo espontâneo e agradável.

Isso remete à discussão que Adorno e Horkheimer (1985) fazem sobre o esclarecimento na modernidade. Para eles, o saber, o conhecimento e a razão atuam na sociedade como um meio de segregação, pois quem tem mais instrução, mais recurso, tem, conseqüentemente, mais poder e domina os menos instruídos e os oprime. Logo, como consequência desse processo, temos a anulação do ser, já que o “eu” é colocado em segundo plano e o valor das coisas é dado por sua utilidade, de modo que o “para” apresenta mais valor.

Em consonância com o poema, podemos observar que a roda, no passado, vivia com suas iguais em um palacete, tinha seu valor reconhecido pelo menino rico, que a utiliza até a perda de seus raios dourados. Depois, a criança passa a não considerar que aquela roda esteve com ele bons momentos, pois perdia sua finalidade primeira de fazer

parte do velocípede. Assim, sua utilidade/valor é posta (o) em xeque e ela vai parar nas mãos de um menino pobre, que a vê com satisfação em suas brincadeiras na rua.

Parece-nos que o que Adorno e Horkheimer (1985) discutem teoricamente, o poema nos mostra e questiona em termos práticos: o reconhecimento das coisas em sua finalidade e a resistência a essa noção, que se dá pela atitude do menino pobre. Desse modo, lírica e vida se articulam e aquela se torna um instrumento de crítica social, não apenas representando uma realidade, mas também nos levando a uma reflexão acerca dela.

A fugacidade da vida e a fragilidade das coisas e do homem diante de um olhar voltado para a utilidade é mostrado de modo lúdico e tênue no poema. Inicialmente, temos a representação infantil, que confere leveza ao que é dito. Em seguida, temos a ambientação do poema urdida em um jogo de ausência/presença, passado/presente, como vemos nos versos:

[...]
Aquela roda já teve raios dourados
E uma borracha em torno...
Era de um velocípede de uma criança rica...
[...]
Perdeu tudo...
Sozinha... ôca... vagabunda
Lá se vai rua afora
Dourada...
Macia...
Ambicionada
Aos olhos satisfeitos do menino pobre...

Um dos recursos utilizados para apontar essa relação é a escolha dos tempos verbais no pretérito (*teve, era, perdeu*), marcando não apenas o tempo das ações, mas também sugerindo a ausência, como em *Aquela roda já teve*. Essa ideia é reforçada pelo uso do pronome demonstrativo “aquela”, apontando distância, e pelo uso do advérbio “já”, que intensifica a ação. Outro recurso utilizado são as comparações: *Era de um velocípede de uma criança rica...* e *Aos olhos satisfeitos do menino pobre...*, *Aquela roda já teve raios dourados* e *Perdeu tudo...*, que apontam o giro da roda e sua decadência, bem como a do sujeito.

Nesse sentido, o poema “A roda...” apresenta a efemeridade das coisas e comunica verdades relacionadas ao homem tanto quanto o faz com o objeto retratado, pois, a partir de sua leitura, podemos tomar as reflexões sobre a transitoriedade da roda para a transitoriedade da vida. Estar no topo não significa permanecer sempre em posição imutável, já que a roda, como a vida, gira e o lugar ocupado em outro momento pode mudar em outro.

Algumas considerações

A literatura, presente na vida dos sujeitos, além de humanizar o homem, pode ser utilizada como instrumento de crítica social. Em se tratando da lírica, conhecida tradicionalmente por representar os estados de ânimo dos sujeitos, passa a incorporar na

modernidade fatos da vida, que nos levam a refletir e questionar a sociedade e compreender nossa condição humana. Com isso, demonstra seus poderes, sobretudo o de possibilitar um novo olhar sobre uma dada realidade.

Por meio da leitura do poema do poeta norte-rio-grandense Jorge Fernandes, não apenas nos deparamos com uma forma arquitetada de modo especial, nem somente com a trajetória da vida útil de uma roda. Falando da roda, o poeta fala do homem, da vida e da sociedade de modo distinto da ciência, por exemplo, porque “há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar” (CALVINO, 1990, p.11).

Conforme Calvino (1990) assevera sobre a leveza da literatura, esta tem uma função existencial, uma busca pela leveza como reação ao peso de viver. Assim, tirando o peso da linguagem, tira-se também o peso das situações vividas, ao mesmo tempo em que possibilita uma reflexão, uma crítica, uma nova postura diante da sociedade e da vida.

Referências

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. O conceito de esclarecimento. In:_____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In:_____. *Notas de literatura I*. Ed.34. São Paulo: Duas cidades, 2003.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5.ed. revista. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

_____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução Cleonice P. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LLOSA, Mário Vargas. *A verdade das mentiras*. In: *A verdade das mentiras*. São Paulo: ARX, 2004.

FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas de Jorge Fernandes*. Natal, Fundação José Augusto, s/d.